

INTERDISCURSIVIDADE: LITERATURA COMPARADA OU CRÍTICA GENÉTICA?¹

Luciana Antonini Schoeps²

Resumo

Como relacionar autores que não apresentam citações explícitas? Como abordar textos que se pautam por uma relação entre discursos sem falar em intertexto? A partir dessas questões suscitadas por nossa pesquisa acerca de Machado de Assis e Gustave Flaubert, pretendemos estabelecer uma reflexão teórica sobre as possíveis contribuições da crítica genética para um estudo literário que toca em questões próprias da literatura comparada.

Palavras-chave: Interdiscursividade literária. Literatura Comparada. Crítica Genética.

Résumé

Comment mettre en rapport des auteurs qui ne présentent pas de citations explicites? Comment aborder des textes qui se basent sur une interdiscursivité sans parler d'intertexte? À partir de ces enjeux, issus de notre recherche sur Machado de Assis et Gustave Flaubert, nous nous proposons d'établir une réflexion théorique sur les contributions possibles de la critique génétique dans les études littéraires qui touchent des questions propres à la littérature comparée.

Mots-clés: Interdiscursivité Littéraire. Littérature Comparée. Critique Génétique.

Abordar o tema desse artigo sem apresentar brevemente nosso percurso crítico seria um contrassenso: as reflexões que apresentamos aqui não apenas foram suscitadas pelo andamento de nosso mestrado financiado pela FAPESP, como mostraram-se inerentes ao próprio objeto escolhido. Como poderíamos relacionar Machado de Assis e Gustave Flaubert se não são explícitas as citações de Flaubert no texto machadiano nem evidentes as influências flaubertianas na obra de Machado? Ou ainda, como relacionar ambos sem recorrer à necessidade de se entrever o intertexto flaubertiano no autor brasileiro?

¹ Trabalho proveniente de pesquisa de mestrado orientada pela Profa. Dr. Verónica Galíndez Jorge e financiada pela FAPESP.

² Universidade de São Paulo.

No entanto, é fato acatado pela fortuna crítica de ambos que a obra de nossos autores faz uso recorrente de referências a discursos alheios para se construir como ficção – basta lembrar das inúmeras citações presentes em Machado e do número de livros pesquisados por Flaubert para a escrita de seus romances. Como abordar essa interdiscursividade sem recorrer, novamente, aos postulados da literatura comparada?

Buscando uma saída para o impasse, procuramos entrever novas maneiras de se aproximar/relacionar autores, de fazê-los viver juntos, desenvolvendo uma reflexão crítico-teórica que busca problematizar os métodos da literatura comparada e apontar para uma possível contribuição da crítica genética para a nossa problemática.

A literatura comparada se debruçou durante muito tempo sobre a espinhosa crítica das fontes, trilhando os caminhos estreitos da obra de arte, perscrutando as pistas que levam à origem do enigma: a fonte de águas puras, da qual o escritor sorveu o líquido mágico da tradição literária. Trajetória amena e sem riscos de malogro, já que o bom crítico devia seguir apenas os rastros evidentes e explícitos. Anos mais tarde, não bastava apenas trilhar o caminho que reconduzia à fonte, mas buscar o percurso da transformação das águas, que certamente tomavam outra configuração quando retiradas da fonte e inseridas em novo texto. Esse deslocamento operado nas práticas da literatura comparada advém em grande medida da inserção de perspectivas teóricas renovadas no que tange à relação entre discursos na literatura, que passam a ver a relação dita *intertextual* como algo próprio do sistema literário. No entanto, por mais que se denomine de *intertexto* o que antes era *citação*³, a busca da origem parece ainda figurar como um fantasma nas práticas de análise dos estudos comparatistas realizados no Brasil, como se a transformação operada no novo texto só pudesse ser julgada ao lado dessa fonte original, mesmo que essa não seja mais considerada superior.

Mesmo subvertendo a ordem original-secundário, percebemos ainda uma posição positivista-evolucionista nos métodos dessa literatura comparada renovada, já que o objetivo é mostrar como a obra citante adapta de maneira magistral a obra

³ Para uma síntese conceitual das noções caras à literatura comparada tradicional, tais como *citação*, *fonte*, *influência* e *tradição*, remetemos nosso leitor ao trabalho de Sandra Margarida Nitrini (NITRINI, Sandra Margarida. *Literatura Comparada*. São Paulo: Edusp, 1997).

citada às condições de sua literatura nacional, construindo algo superior à fonte e eliminando o ‘complexo de inferioridade’ do discurso citante. Temos ainda uma relação dual, na qual a segunda obra aprimora a primeira, garantindo a evolução da literatura. Tal é a postura de muitos dos estudos comparados realizados no Brasil, que dessa forma conseguem relacionar a tradição literária européia, tratada ainda dentro das noções de fonte e influência necessárias para a formação da literatura brasileira, e o contexto histórico-social nacional, garantidor da transformação do texto-fonte e responsável pela construção de um novo texto que eleva a literatura em formação aos patamares do cânone e da tradição literária ocidental, superando suas fontes européias.

Percebemos que a reformulação pela qual passou a literatura comparada não atingiu plenamente seus métodos, apesar da necessidade de atualização de seus pressupostos teóricos ter sido percebida por Perrone-Moisés:

Entretanto, como os pressupostos em que se fundou essa disciplina, há um século e meio, não tem sido suficientemente requestionados, ela se apresenta hoje com certo anacronismo, carregando, apesar das constantes tentativas de atualização, um ranço de século XIX. Enquanto os comparatistas continuam a debater-se, em nível teórico, com os mesmos problemas que ocupavam seus colegas do século XIX, teorias mais recentes sobre a produção e a recepção da literatura estão a exigir não uma atualização superficial, reformista, dos conceitos e métodos de sua disciplina, mas uma transformação radical da mesma.⁴

Essa transformação radical, se nos ativermos apenas ao que tange à *intertextualidade*, nos leva a um caminho que revê a própria configuração da literatura, já que “tout texte se construit comme mosaïque de citations, tout texte est absorption et transformation d’un autre texte. À la place de la notion d’intersubjectivité s’installe celle d’*intertextualité*, et le langage poétique se lit, au moins, comme *double*”⁵. Assim, o que era estrito a uma relação entre dois textos específicos se torna uma relação entre toda a literatura, já que todo e qualquer texto surge a partir de uma relação com outros discursos, pois a “literatura nasce da literatura”⁶.

Percebemos que o conceito de *intertextualidade*, com seu pressuposto teórico que prevê o literário dentro de uma relação dialógica com outros discursos, agrega um novo embasamento teórico à literatura comparada, mas não muda

⁴ PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura comparada, intertexto e antropofagia. *Flores da escrivaniha*. São Paulo: Cia das Letras, 1990, p. 91-92, grifos nossos.

⁵ KRISTEVA, Julia. *Recherches pour une sémanalyse*. Paris: Seuil, 1969, p. 85.

⁶ PERRONE-MOISÉS, Leyla. Op. cit., p. 94.

efetivamente as práticas metodológicas da mesma: em vez de se localizar as citações e as fontes, busca-se o *intertexto*, ou seja, a máxima “todo texto é um mosaico de citações” serve apenas para corroborar a prática de busca das fontes e influências, rebatizada com o nome de *intertexto* e culminando na análise da transformação do intertexto no novo texto. A mesma dinâmica é igualmente percebida na possível contribuição de Tiniánov, elencada por Perrone-Moisés, através da qual se redefiniria o que se entende por *influência*:

À noção de *influência*, Tiniánov acrescenta a de *convergência*, que ultrapassa a explicação psicológica da influência. Sobre determinado chão cultural (discursivo) podem ocorrer confluências, coincidências de temas e de soluções formais que nada têm a ver com as influências, mas com a existência de certas condições literárias em determinado momento histórico. Verificada essa possibilidade, a questão de ‘quem disse primeiro’ torna-se inessencial.⁷

Com a noção de *convergência*, percebemos uma virada com relação à dinâmica evolucionista e positivista das influências para uma dinâmica puramente relacional da convergência, onde se subverte a ordem de primeiro e segundo para se estabelecer uma outra ordem relacional, balizada pela sincronia, onde vários discursos convergem em um único discurso. Nesse sentido, a concepção de uma literatura que se relaciona consigo mesma numa intensa rede discursiva, não podendo nenhum livro ser considerado fora dessa rede, desconsiderando-se o que já foi dito, pode ser subentendida na noção de *convergência*, principalmente se pensarmos no movimento oposto que esta pressupõe, a *dispersão*. Assim, a velha dicotomia que busca textos de origem e de chegada poderia ser substituída por uma relação que se assemelhasse a um sistema orgânico no qual todos os elementos se relacionam entre si numa rede discursiva na qual cada elemento reenvia a outro, não se podendo desconectar nenhuma junção sem comprometer o todo.

Pensamos aqui na noção de *dispersão discursiva* proposta por Foucault em sua *Archéologie du savoir*, da qual depreende-se uma nova abordagem para as relações a serem estabelecidas entre discursos:

D’une façon paradoxale, définir un ensemble d’énoncés dans ce qu’il a d’individuel consisterait à *décrire la dispersion de ces objets*, saisir tous les interstices qui les séparent, mesurer les distances qui règnent entre eux, – en d’autres termes formuler leur loi de répartition⁸.

Com as noções de *dispersão* e *rede* ou *feixe discursivo*, Foucault propõe que se contemple os discursos dentro de uma rede relacional que opera uma difusão, já

⁷ Ibidem, p. 95.

⁸ FOUCAULT, Michel. *Archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969, p. 50, grifos nossos.

que cada elemento-discurso da rede reenvia a outros numa relação que poderia se estender *ad infinitum*. Dessa forma, os discursos só poderiam ser compreendidos nesse feixe relacional que torna sua enunciabilidade possível dentro de uma dada ciência, isto é, que torna possível sua própria existência, sua formação:

Or cette dispersion elle-même – avec ses lacunes, ses déchirures, ses enchevêtrements, ses superpositions, ses incompatibilités, ses remplacements et ses substitutions – peut être décrite dans sa singularité si on est capable de déterminer les règles spécifiques selon lesquelles ont été formés objets, énonciations, concepts, options théoriques: si unité il y a, elle n'est point dans la cohérence visible et horizontale des éléments formés; elle réside, bien en deçà, *dans le système qui rend possible et régit leur formation*⁹.

Assim sendo, poderíamos novamente entrever uma noção de literatura que levasse em conta essa relação entre discursos e em vez de *intertextualidade*, pensasse nessa *dispersão* e nessa rede relacional inerente à interdiscursividade estabelecida no e através do discurso literário. Dispersão que, como vimos, é a própria condição prévia para a existência desse discurso, já que é dentro desse sistema que a literatura se constrói, não existindo literatura possível fora dessa relação interdiscursiva. Essa relação que ocorre entre a literatura e outros discursos é reveladora de uma outra característica do discurso literário, a saber, a *permeabilidade discursiva*, da qual nos fala Juan Rigoli ao observar que vários discursos científicos, como é o caso do discurso médico e do discurso da psicanálise ainda em formação, fizeram uso da literatura para se construir enquanto ciência, percebendo que a relação entre a literatura e os outros campos do saber se dá numa via de mão-dupla e é pautada por essa permeabilidade¹⁰.

Essa *convergência* ou *dispersão discursiva*, vale ressaltar, não se dá apenas no nível do que é efetivamente dito, isto é, de algo que seria identificado à antiga noção de *citação explícita*. Podem ser convergentes não apenas trechos pontuais de obras diversas, mas também “certas condições literárias em determinado momento histórico”, nas palavras de Perrone-Moisés¹¹. A partir disso, podemos vislumbrar a possibilidade de se entrever práticas discursivas sendo operadas em

⁹ Ibidem, p. 99, grifos nossos.

¹⁰ RIGOLI, Juan. *Lire le délire*. Aliénisme, rhétorique et littérature en France au XIXe siècle. Paris: Fayard, 2001. Sobre esse mesmo assunto, também remetemos nosso leitor ao primeiro capítulo do livro de Verónica Galíndez Jorge (*Fogos de artifício*. Flaubert e a escritura. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.), onde a autora sintetiza a relação entre discurso médico e literatura no século XIX, a partir da leitura da alucinação efetuada na obra flaubertiana.

¹¹ PERRONE-MOISÉS, Leyla. Op. cit., p. 95.

momentos e espaços diversos e podendo, no entanto, ser aproximadas. A comparação pode, pois, incidir sobre as práticas escriturais de dois autores e aqui começamos a nos afastar do terreno da literatura comparada para nos aproximarmos da crítica genética, ciência a partir da qual as práticas de escrita podem ser vislumbradas de forma privilegiada dentro do processo criacional¹². Além disso, a autora também coloca a possibilidade da literatura comparada observar os processos de produção da obra, percebendo dados de sua gênese e encarando a obra como um objeto não acabado, posturas críticas próprias da crítica genética:

Em vez de *descrever e compreender*, que implicam uma atitude passiva do crítico diante de um objeto acabado e imóvel, proporíamos hoje uma desmontagem ativa dos elementos da obra, para detectar processos de produção e possibilidades variadas de recepção. A obra literária não como um fato consumado e imóvel, mas como algo em movimento: porque ela traz inscritas em si as marcas de sua gênese, dos diálogos, absorções e transformações que presidiram o seu nascimento; e porque a recepção está constantemente transformando a leitura desses processos.¹³

Se se levasse em consideração essa característica do objeto literário – inacabamento e interdiscursividade – deveria haver um deslocamento metodológico na literatura comparada, já que a comparação a ser estabelecida não é mais entre duas obras, mas entre todas as obras que constitui a literatura, visto que esta passa a ser vista dentro de uma rede de relações interdiscursiva. Se toda literatura entra nessa relação entre discursos, por que devemos chamar essa relação – condição *sine qua non* para o surgimento do discurso literário – de *intertextualidade*? Por que assim denominar algo que é próprio da literatura e de sua gênese? Nesse ponto de nossa reflexão, preferimos abandonar o termo, visto que marcado pelas práticas atuais da literatura comparada – já que *intertextualidade* pressupõe que se deva e que ainda seja possível identificar um *intertexto* – e utilizar simplesmente *relação interdiscursiva* ou *reapropriação discursiva*, na esteira da proposta foucaultiana.

Seguindo por uma via semelhante e atento às mudanças no tocante ao abandono de posturas positivistas-evolucionistas com relação à literatura, Philippe Willemart oferece sua contribuição para a revisão dos estudos comparatistas, ao

¹² A proposta de se pensar em práticas de escrita a partir da crítica genética não é algo corrente nos estudos mais tradicionais dessa ciência, constituindo-se, no entanto, uma perspectiva que vem sendo defendida e praticada nas últimas décadas pelos recentes trabalhos desenvolvidos na área. Para um desenvolvimento teórico acerca dessa nova abordagem em crítica genética, remetemos o leitor à obra *Escrever sobre escrever* (PINO, Claudia Amigo; ZULAR, Roberto. *Escrever sobre escrever*. Uma introdução crítica à crítica genética. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007).

¹³ PERRONE-MOISÉS, Leyla. Op. cit., p. 97.

propor a inserção do conceito de “região instável na qual tudo se transforma sob o efeito da auto-organização”¹⁴, emprestado de Ilya Prigogine, entrevendo a possibilidade de se contemplar o texto no qual se vê uma interdiscursividade não mais como um fenômeno de *intertextualidade*, mas como uma região instável, permeável, que se abre para uma infinidade de discursos anteriores, “admitindo assim uma destruição ou uma pulverização das trajetórias ou dos textos iniciais; trajetórias que se reconstituem em outras regiões ou em outros textos ao mesmo tempo na mente do escritor e no seu manuscrito”¹⁵, aproximando a literatura comparada à abordagem genética:

Com certeza, [o comparatista] procurará no seu texto as marcas da outra literatura ou a presença do Outro; mas uma vez as traças descobertas, ele não fará delas a razão ou a causa determinista da escritura estudada, mas discernirá os mecanismos de desintegração que desestabilizam o texto anterior e os de integração ao nível da narratologia, da ideologia, da sociocrítica, etc., para discernir em seguida, a posição original da escritura estudada em relação à literatura anterior. Esse método está muito próximo dos estudiosos da gênese, que tentam descrever os processos de criação no manuscrito a partir dos acréscimos e das supressões dos cadernos de viagens e de anotações, bem como da correspondência. Os comparatistas tanto quanto os críticos da gênese deveriam considerar seus textos como a região de Prigogine. Isto é, uma vez atravessada a fronteira, uma vez transpostos os textos ou trechos de textos emprestados na folha branca do escritor, o autor relativiza a origem, a denega às vezes, perde a dimensão temporal inicial, para servir unicamente ao novo texto¹⁶.

A partir dessas diversas reformulações propostas para os estudos comparatistas e operando-se uma verdadeira mudança epistemológica, como vimos, coloca-se aos estudos literários, além de uma subversão da ordem entre os textos, do caráter de inacabamento e de instabilidade do texto literário, a possibilidade de se comparar processos de produção e práticas discursivas, vistos como um novo método que reflita de forma mais coerente os pressupostos revisados dessa ciência: o caráter de interdiscursividade do sistema literário. Assim sendo, para observarmos práticas escriturais que colocam de forma patente essa característica própria do literário, isto é, a inserção de outros discursos para a constituição do discurso ficcional, não precisamos mais ir à fonte, mas ao ateliê: se ser um mosaico de citações, se nascer de uma relação interdiscursiva é algo próprio do literário, ou seja, se a relação entre discursos é inerente à produção do discurso ficcional, não interessa mais detectar *temas* e *mitos* trabalhados pela obra, ou

¹⁴ WILLEMART, Philippe. *Bastidores da criação literária*. São Paulo: Iluminuras, Fapesp, 1999, p. 103.

¹⁵ *Ibidem*, p. 104.

¹⁶ *Ibidem*, p. 105-106.

localizar as *influências* ou os *intertextos*, mas mostrar, não apenas como os discursos são transformados de um texto a outro, mas como eles emergem no discurso ficcional e se relacionam nesse novo texto visando à constituição desse novo discurso. Essa emersão de textos e essa relação operada num novo discurso nos parecem ser passíveis de observação dentro do que a crítica genética chama de processos da criação, o que inclui não apenas as campanhas redacionais, mas também o que lhe é anterior: o processo de leituras prévias empreendidas pelo escritor, momento no qual este entra em contato com outros discursos, com o discurso do outro, no espaço privilegiado da biblioteca. Pretende-se, portanto, observar a dinâmica da inclusão de outros discursos dentro de um processo, o processo de criação/produção literária, visto dentro de práticas de escrita específicas.

Afastamo-nos das práticas da literatura comparada para nos colocarmos diante de uma reflexão acerca não somente da criação literária, mas das condições de relacionamento dos discursos dentro do texto ficcional, acerca de seu modo de relação e acerca da maneira pela qual o literário se forma. Saímos, assim, da fonte da literatura comparada e entramos no ateliê da crítica genética, pois compreendemos que os estudos genéticos podem ser produtivos para a compreensão da relação entre discursos operada pelo literário, relação que surge no e pelo próprio processo de escrita, processo que é responsável pelo advento de determinadas práticas discursivas.